

Resenha

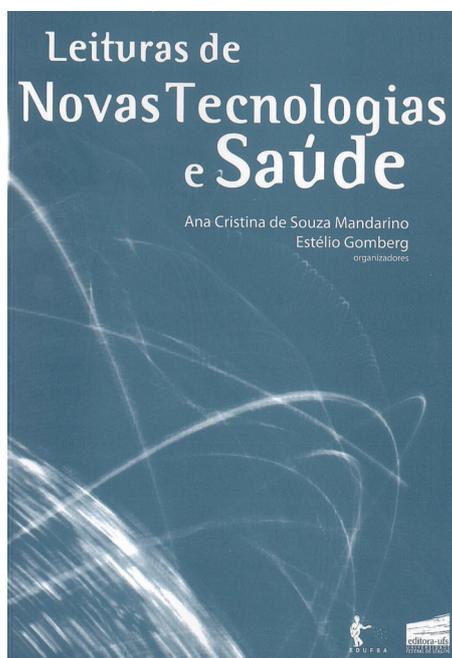
Leituras de novas tecnologias e saúde

Marcia Mocellin Raymundo

Hospital de Clínicas de Porto Alegre, RS, Brasil
marciamocellin@gmail.com

Ana Cristina de Souza Mandarino e Estélio Gomberg.
Leituras de novas tecnologias em saúde. Salvador:
EDUFBA, 2009. 1 ed. 262 p.
ISBN: 852320622-2

DOI: 10.3395/reciis.v4i2.364pt



O crescente desenvolvimento de novas tecnologias aplicadas à saúde trouxe consigo inúmeros desafios, desde sua aplicação até questões referentes à disponibilização das mesmas e seu conseqüente acesso, passando ainda pelas questões afetas à gestão, bem como considerações de cunho normativo e ético. Frente a esse novo panorama surge a necessidade de um espaço que permita a reflexão sobre ele mesmo. Este é o contexto que leva ao surgimento da Avaliação de Tecnologias em Saúde (ATS), reunindo um conjunto de informações capazes de – com base em critérios previamente estabelecidos – auxiliar no manejo das inovações, sobretudo quando se trata da implementação de políticas públicas. Desde o momento em que os aspectos

relativos à saúde das pessoas deixam de ter um caráter “mágico” e passam a assumir uma conotação científica, cria-se a necessidade de uma constante reflexão sobre os processos que envolvem essa gama de atividades relacionadas aos vários aspectos da saúde e, de certa maneira, sobre a vida das pessoas. Importante lembrar que a medicina originou-se em um contexto de práticas mágicas e “sagradas”, de acordo com as características das civilizações ao longo da história. Contudo, o fato de sua origem rememorar a práticas empíricas não significa que não houvesse, também naquela época, a busca de causas e explicações para o aparecimento dos ferimentos e doenças que não decorriam das atividades relacionadas à própria sobrevivência. Talvez a principal diferença entre a

busca de explicações para os fenômenos envolvendo a vida das pessoas nos primórdios e nos dias atuais seja que na antiguidade buscava-se explicações na própria natureza e no caráter mágico atribuído a estes fenômenos, enquanto que na atualidade a explicação é dada pela ciência e sua conseqüente comprovação. A paulatina caminhada do avanço científico vigente até o século XIX foi, sem sombra de dúvida, substituída por um galopar rumo a novas descobertas e invenções que, por sua vez, carrearam e seguem estimulando outras novas descobertas e criações no que tange ao conhecimento sobre a saúde. Conseqüentemente, a própria sociedade clama por inovações aplicáveis à área da saúde, tornando-se, muitas vezes, uma quase exigência mesmo em situações em que apenas um pequeno sopro de inovação surge no horizonte da ciência.

O último século foi capaz de trazer tantas novas tecnologias em matéria de saúde que, em determinados segmentos, as mudanças ocorreram ao ritmo de verdadeiros saltos. Compõem esta gama de opções não apenas o desenvolvimento de novos medicamentos e vacinas, mas o surgimento de numerosos testes diagnósticos, exames de imagem e técnicas cirúrgicas, culminando em novos protocolos de atendimento, entre outros. Importante destaque é dado ao avanço da biologia molecular, responsável por uma verdadeira revolução na atenção à saúde, cujo alcance e possibilidades de aplicação ainda representam um vasto campo a ser desbravado. Sem dúvida, todo este avanço muitas vezes surge mais rapidamente do que a capacidade da sociedade em compreendê-los e absorvê-los e, em alguns casos, até mesmo a da própria comunidade científica. Van Rensselear Potter alcinha de *conhecimento perigoso* a este conhecimento que chega antes mesmo do conhecimento que se tem para absorver ou gerenciar o novo conhecimento. De qualquer maneira, frente à existência de uma gama enorme de avanços no campo científico da atualidade, é notório o desafio – e a própria necessidade – de existir este espaço de reflexão sobre as novas tecnologias disponíveis. Espaço este que sempre existiu, porém, aparece no cenário científico atual com uma configuração metodológica própria, baseada em critérios unificados e passíveis de aplicação de forma generalizada. A ATS apresenta-se hoje como uma ferramenta capaz de instrumentalizar para a compreensão, a utilização, a aplicação, o gerenciamento e o acesso às novas tecnologias, visando utilizá-las da maneira mais adequada dentro de uma perspectiva social baseada na inclusão e equidade.

O livro organizado por Ana Cristina de Souza Mandarinó e Estélio Gomberg apresenta uma clara, profunda e objetiva

reflexão sobre a Avaliação de Novas Tecnologias em Saúde, sobretudo no que tange a suas repercussões na sociedade. Trata-se de uma coletânea escrita por estudiosos e profissionais da área da saúde, conhecedores do tema, bem como de sua aplicação na realidade nacional. O livro está estruturado em 11 capítulos, situando o tema desde a política de gestão das novas tecnologias até as questões éticas que as permeiam, passando por importante reflexão sobre aquelas afetas à necessidade de novas tecnologias, aspectos sobre informação e divulgação, educação e sistemas normativos. Embora sem a pretensão de esgotar o tema, o livro abarca uma variedade de assuntos bastante abrangente, resultando em um apanhado capaz de fornecer subsídios tanto para quem inicia o estudo do tema, como para quem já desenvolve atividades neste sentido.

Escrito por Itajaí Oliveira de Albuquerque e Suzanne Jacob Serruya, o primeiro capítulo apresenta um panorama da política de gestão de tecnologias no Brasil, enfatizando as estratégias e diretrizes do Ministério da Saúde, com foco na gestão. Os autores apontam que *“a pressão por incorporação tecnológica levou os gestores a desenvolver estratégias que regulam o fluxo de tecnologia de saúde a partir da adoção de metodologias que estabelecem a melhor evidência científica como base para avaliação da efetividade e do inerente impacto sobre o equilíbrio orçamentário-financeiro dos sistemas de saúde”* (p.13). Além de clareza conceitual, o capítulo situa o leitor quanto ao tema da ATS e suas repercussões no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS). O item *Institucionalização da Avaliação de Tecnologias em Saúde* é bastante esclarecedor sobre os critérios de ATS e como esta se situa na política governamental. Destaca-se a pertinência da conclusão dos autores sobre os riscos para os usuários, bem como o comprometimento da efetividade do sistema de saúde quando da incorporação não sistematizada e o uso inadequado de tecnologias. Enfatizam ainda a complexidade da definição pela incorporação de novas tecnologias e os critérios de obsolescência.

O segundo capítulo - de autoria de Emerson Elias Merhy e Laura Camargo Macruz Feuerwerker - traz importante revisão do processo histórico do cuidado em saúde, mais especificamente sobre a chamada medicalização da existência e da vida individual e coletiva. Os autores estudam com muita habilidade as relações de trabalho em saúde enfocando e questionando a organização deste em relação aos avanços tecnológicos e a produção do cuidado. Os autores defendem a criação de oportunidades para a explicitação dos diferentes modos de entender a realidade vivida e de conceber as

práticas de saúde. Segundo eles, *“essas oportunidades se dão quando se propicia a constituição de espaços coletivos para reflexão sobre o processo de trabalho, de modo que os diferentes atores possam conhecer o conjunto do trabalho que é desenvolvido e estabelecer um acordo acerca do para quê serve o trabalho desse coletivo”* (p.48). Sem dúvida este capítulo contribui muito com a revisão sobre a produção do cuidado e seus processos relacionais envolvendo os diversos atores no cenário da saúde. O capítulo, além de reflexivo, estimula o pensamento crítico sobre um processo que, de certa maneira, em algumas instituições já está estabelecido, carecendo de análises como a proposta pelos autores.

No capítulo intitulado *Alienação, inovação e cotidiano organizacional: teses e hipóteses*, Edmundo Gallo analisa as questões organizacionais na gestão a partir da premissa de que tanto os projetos de estruturação da relação público-privado quanto de Estado-sociedade preocupam-se em responder às demandas sociais por maior eficiência e efetividade da gestão pública. Ao debater a inovação organizacional, o autor questiona as tecnologias de gestão “ditas” inovadoras, chamando apropriadamente a atenção para que muitas delas redundam em processos de modernização conservadora. O autor aponta caminhos para produção de inovações organizacionais *emancipatórias* através de ampla revisão da literatura apresentada através de dez teses que buscam articular distintas categorias desde a Emancipação, a Autonomia, a Responsabilização, a Governança e a Territorialidade até Projetos e Pactos de Reprodução e Produção. As hipóteses apresentadas ao final do capítulo nos levam à compreensão sobre a intenção do autor em explorar as categorias vinculando os sistemas teóricos à gestão e, ainda, subsidiando a construção de uma visão crítica, que rompa com a alienação, e incentivando a possibilidade de efetiva inovação.

No quarto capítulo, Marlene Braz aponta para as transformações ocorridas a partir do desligamento do homem do domínio religioso passando a ciência a representar a essência das leis objetivas inscritas no real, trazendo também à baila a discussão sobre a nem tão sempre visível fronteira entre as chamadas ciências pura e aplicada. A autora afirma que *“a ciência moderna forjou-se num contexto de mudanças não apenas científica e intelectual, mas, também social, econômica e cultural. Seu nascimento esteve intimamente vinculado à estrutura mental da época, à possibilidade de entendimento da realidade e à mudança de concepção de mundo”* (p.82). Estas transformações e suas repercussões na sociedade são analisadas pela autora sob o prisma da ética, de acordo com a proposição de distintos teóricos.

No capítulo intitulado *Entre o superlativo e o diminutivo: as tecnologias a serviço da informação da difusão científica*, Maria Cristina Soares Guimarães nutre o leitor de informações sobre a produção e a divulgação do conhecimento em saúde, apresentando um verdadeiro mapa com suas intrincadas ligações e possibilidades. Porém, a autora não se detém apenas na ilustração; vai muito além, apresentando uma reflexão sobre o problema da comunicação e disponibilização do conhecimento, ou seja, a questão do acesso e da “mercantilização” do conhecimento, que se traduz na negação deste como bem público. Além do panorama tecnológico referente à informação científica, Maria Cristina discorre sobre a sua aplicação, através do conceito de translação, atualmente em evidência, porém referindo-se a problema já conhecido, ou seja, a subutilização do conhecimento gerado por meio de pesquisas na área da saúde. O capítulo apresenta importante reflexão sobre não somente o acesso à informação científica, mas, sobre como a informação se difunde ao longo do processo.

Seguindo no tema sobre estratégias de divulgação científica, os organizadores do livro, Ana Cristina de Souza Mandarino e Estélio Gomberg, apresentam a Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), enfatizando a divulgação científica por meio eletrônico. Os autores ressaltam ao longo de seu texto a importância da democratização do fluxo de informações e como a BVS contribui com esta proposta, através da construção, aperfeiçoamento, disseminação e intercâmbio de diversas fontes de informação técnico-científica em formato eletrônico e correlatos, atendendo às demandas e às necessidades de distintas organizações interessadas e de profissionais no campo da saúde. Uma das inovações trazidas pela BVS, em relação aos modelos de informação através de meios eletrônicos já existentes anteriormente, é o fato de a BVS tecer uma rede de cooperação na comunicação científica e técnica. Outro ponto importante a destacar da BVS é que esta direciona suas ações para o público em geral, disponibilizando informações com linguagem acessível. Contudo, embora inegável a contribuição do uso da internet na disseminação de informações científicas, os autores não deixam de expressar a preocupação com relação ao quadro de exclusão digital presente em vários países em desenvolvimento. E, ainda, apontam como uma das características positivas da BVS a criação de um espaço virtual que propicia ações conjuntas de diversos atores que configuram um contorno de propriedade comum e de domínio público. Salientam ainda que a *principal contribuição da BVS-MS é apontar o aprimoramento conceitual e operacional do modelo de gestão coletiva de informação e conhecimento no espaço virtual e os desafios*

de promover a democratização, a equidade de acesso a informação e conhecimento atualizado nos processos que envolvem a saúde (p.148).

Os autores Maria Lígia Rangel-S, Gabriela Lamego e Marcelo Rocha assinam o sétimo capítulo do livro, que versa sobre o projeto Net-Escola de Saúde Coletiva. Os autores reforçam a constante preocupação da histórica concentração de conhecimento no campo acadêmico e os esforços que têm sido empreendidos no sentido de criar espaços para capacitar de maneira abrangente a todos os envolvidos no cenário da saúde. Estes esforços visam também a auxiliar na qualificação dos processos de gestão do Sistema Único de Saúde (SUS), e de ampliar o acesso dos mais diversos grupos sociais aos conhecimentos e informação em saúde, utilizando-se dos recursos virtuais e suas facilidades. Este é o contexto no qual se desenvolve o projeto Net-Escola de Saúde Coletiva, vinculado à Universidade Federal da Bahia e à Secretaria de Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde, do Ministério da Saúde, que objetiva possibilitar a democratização da informação e do conhecimento a gestores, profissionais, conselheiros e cidadãos na área da saúde pública/coletiva. A estrutura do portal permite diferentes abordagens, conjugando os processos de gestão da informação com a educação à distância através de diversificados meios e espaços de aprendizagem.

Dando seguimento à abordagem das novas tecnologias no que diz respeito à informação e educação em saúde, o capítulo *As novas tecnologias de informação, educação e comunicação em saúde*, de Celina Maria Modena e Virgínia Torres Schall traz à baila uma reflexão de extrema importância, ou seja, a questão da comunicação quando se trata de informação e educação em saúde. As autoras questionam as formas de comunicação através das quais a informação é disseminada, lembrando que *devemos pensar as novas tecnologias de comunicação e informação e não deixar que elas nos pensem* (p.178). Chamam também atenção para que as modernizações tecnológicas não sejam introduzidas no campo da educação sem antes verificar os modelos através dos quais ocorrerá esta comunicação. E, ainda, referenciam o papel das novas tecnologias em relação ao SUS, destacando as dificuldades na apropriação destes dispositivos pelo SUS e sua conseqüente aplicação de forma a atender a demanda social de informação em saúde.

Os autores Luciana Garritano Barone, Rita Martorelli, Cláudia Márcia S. Barros, Márcia Pina e Carlos Costa assinam o capítulo *Atualização em educação em saúde pelo sistema de videoconferência: superando as distâncias e unindo Paulo Freire às novas tecnologias*. Para os autores,

o redesenho dos espaços educacionais estão vinculados à difusão e à utilização de novas tecnologias de informação e de comunicação, em razão de sua capacidade em promover mudanças substanciais. Neste contexto, o capítulo apresenta uma reflexão sobre a experiência de desenvolvimento do Curso de Atualização e Educação em Saúde via videoconferência, oferecido pelo Departamento Nacional do Serviço Social do Comércio (SESC/DN) aos educadores em saúde da entidade, de outubro a dezembro de 2006. As considerações dos autores apontam que existem pontos positivos que favorecem a realização de cursos através desta modalidade, sobretudo, amparados por mediadores e facilitadores que contribuem para a fluidez das atividades. E, ainda, o uso da tecnologia de videoconferências, por exemplo, parece não prejudicar a proposta de compartilhar conhecimento. Trata-se, sem dúvida, de uma adequação a novas tecnologias disponíveis para alcançar, ao final, os mesmos resultados de antigas modalidades de ensino. No penúltimo capítulo, intitulado *Novas tecnologias em saúde e os sistemas normativos de sexo-gênero*, as autoras Márcia Arán e Marilena C.D.V. Corrêa trazem à baila a reflexão sobre os dualismos presentes no pensamento moderno ocidental. A consideração das autoras sobre a utilização das categorias feminino/masculino associadas respectivamente à natureza e a cultura, bem como sobre a trajetória que resgata o papel da mulher - antes vista como algo imperfeito frente ao homem e fadada à submissão - é extremamente oportuna e está construída com absoluta propriedade. A vinculação entre as questões de gênero e a tecnologia foi construída pelas autoras através de um recorte histórico que tornou o capítulo extremamente sólido, além de atraente ao leitor, aportando as informações de modo bastante agradável. A contribuição das visões transversais e das conjugações possíveis com a tecnologia fica evidente no postulado pelas autoras, sobretudo quando abordam as questões afetas a normas de gênero e às novas tecnologias reprodutivas, e normas de gênero e transexualidade, apresentando, com muita propriedade, esta discussão sob o enfoque também sócio-cultural, e não apenas através do recorte biológico-patológico, como costuma acontecer. Sem dúvida, procede também a crítica a uma bioética "biomedicalizada" como se construiu, no Brasil, este campo. Por fim, Naara Luna analisa as questões referentes à ética em pesquisa com células-tronco, aportando uma reflexão sobre as pesquisas experimentais e ensaios clínicos. O contraponto entre humanos e não-humanos enquanto sujeitos de pesquisa, proposto pela autora, problematiza com riqueza um tema que, além de complexo, é controverso. Repleto de casuística e permeado de depoimentos, o texto

conjuga de maneira exemplar o paralelismo entre as duas abordagens de pesquisa, enfocando desde a realidade de cada uma até a translação. Sem dúvida, o livro em pauta é de indiscutível relevância, trazendo reflexões de ponta em diversos temas que permeiam as novas tecnologias e sua conseqüente avaliação. A variedade dos temas abordados

contribui para enriquecer ainda mais o livro, bem como para tornar sua leitura indispensável a todo profissional que maneja este tema. As informações contidas neste livro, tanto em seu âmbito quantitativo como qualitativo, permitem ao leitor atualizar-se, além de enriquecer as reflexões e discussões pertinentes.